

recontado por  
**TIAGO NOBRE DE SOUZA**

**sonic youth GOO**

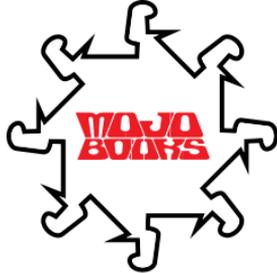
**53**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador



---

**VOLUME 53**

**GOO**  
**sonic youth**

recontado por **TIAGO NOBRE DE SOUZA**



**VOLUME 53**

---

**GOO**  
**sonic youth**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

**Dezembro de 2007**

## BOTAS SUJAS

Estava decidido. Mandaria tudo pro inferno e meteria o pé na estrada. O fato de não ter dinheiro nem pra comprar roupas decentes não interessava. Se acabasse a gasolina, assaltaria um lugarzinho de merda por aí e reabasteceria. Calcei os sapatos cheios de lama da noite anterior, coloquei algumas roupas numa mochila e entrei no carro.

“Putá merda! E agora? Bom, agora põe a chave na ignição e liga o motor. Sim, essa parte eu sei, mas... e a Karen? Eu fiquei com a irmã dela sábado passado, porra. Dane-se ela, cara. Pega a irmã e te manda, não foi o que vocês combinaram?”

O cano de descarga tossiu, a gasolina entrou no motor, e o carro arrancou.

Conheci Karen três anos antes, numa exposição de fotos eróticas. Na mesma semana que nos fitamos pela primeira vez, nos conhecemos no sentido bíblico do termo. A forma como tudo aconteceu foi não só rápida, como enlouquecedora. Poucos dias após a exposição, estávamos nus numa cama de solteiro de motel barato perto do cais. Conforme o relacionamento se prolongava,



nossos laços começaram a se desgastar — entenda-se aqui que Karen virou uma religiosa sacal que achava sexo anal pecaminoso demais — e começamos a nos desentender. Nossas brigas não foram, em momento algum, intensas — até aquele sábado.

Na última exposição a que comparecemos (não-erótica), fomos convidados para a festa de lançamento do livro de um mané qualquer que tinha escrito uma ficção científica espalhafatosa. A irmã de Karen nos acompanhou. Karen não bebeu uma gota sequer de álcool, mas sua irmã, pra minha completa surpresa, deu um novo significado pra palavra “funil”. Quando o ponteiro bateu três da madrugada, a irmã me chamou e me ofereceu fumo, pois Karen tinha virado beata e ela não tinha mais com quem fumar. Educadamente, recusei. Ofereceu-me cocaína. Educadamente, aceitei. Em um momento que talvez tenha durado meia hora, ou talvez apenas dez segundos, eu e a irmã de Karen estávamos dentro dum armário, com nossas respectivas mãos nos respectivos genitais do outro. A situação foi desagradável, pois quando saímos do armário, com as calças sujas e cheirando a sexo, nos deparamos com Karen fitando-nos com olhos acusadores. Ela apenas virou o rosto e foi embora; e eu, paralisado, fiquei. Naquela mesma noite decidimos ir embora daquela desgraça de cidade provinciana.



\* \* \*

Virei a esquina e estacionei o carro em frente ao apartamento onde morava a família de Karen, ou seja, onde sua irmã morava também. Buzinei duas vezes — o sinal combinado. Sem que precisasse apertar o interfone, a grade se abriu e entrei no prédio. Subi as escadas prestando atenção na sombra que cada degrau fazia e tentando raciocinar sobre o que estava prestes a fazer.

Sétimo andar.

A porta entreaberta revelava que, de fato, a irmã de Karen não desistira da idéia de fugir. Alívio. A minuteira no corredor acusou minha presença, e as luzes acenderam. Olhei embaixo do tapete, um bilhete.

“Entra em casa e senta no sofá; já estou quase pronta”.

O relógio pendular me deixava nervoso e com um tremendo frio na barriga. Barulho de chaves no corredor. Os pais de Karen chegaram, assim como a mesma. Ela me olhou com cara de nojo e começou a gritar, perguntando o que eu fazia ali. Não respondi. Sua irmã entrou na sala e disse que íamos fugir e que todos se fodessem. Os pais delas não gostaram da idéia, elevando o tom da conversa. Indagava-me se deveria entrar na discussão. O fiz





quando fui chamado de “cínico filho da puta do caralho”. Ninguém me chama dessa maneira, a não ser minha mãe. Mande todos calarem a boca, que nada do que dissessem, ou ainda mais, gritassem, nos faria mudar de idéia — além de chamar Karen de vaca e seus pais de fascistas. O pai por muito pouco não avançou em mim, sendo impedido pela irmã de Karen, que tentou segurar seu braço e recebeu um murro no rosto, caindo de costas no chão. Naquele momento, algum neurônio no meu cérebro entrou em curto com a parte estourada da minha personalidade e deixei de escutar o que falavam. Apenas via o dedo em riste do pai de Karen, o olhar ameaçador e a postura agressiva em relação à irmã. Notei que a situação começava a sair do meu controle. Puxei a Magnum .44 do meu pai — a mesma com a qual ele estourara seus miolos quando eu tinha treze anos —, que escondera na calça, aponte para o peito do pai de Karen, engatilhei o revólver e puxei o gatilho. Com uma quantidade exorbitante do próprio sangue jorrando de seu corpo, o pai de Karen tentou recostar-se contra a mesa no canto da sala. Não deixei. A segunda bala atravessou sua caixa torácica, pintando a parede com sangue. Muito sangue.

O corpo caiu inerte no chão. A mãe apoiou-se, aos prantos, em cima do corpo. A irmã de Karen olhou pra mim, levantou-se e fi-

cou ao meu lado. Perguntei se ela estava bem. Ela disse: “mata ela também”. Matei. Olhamos Karen em pé no meio da sala, pegamos as malas, descemos até o térreo e entramos no carro. Ficamos parados por alguns segundos, até ela abrir a porta e vomitar na calçada. Reconstituída, fechou a porta do carro e girou a chave que eu colocara na ignição, ligando o motor. Acelerei, cantando pneu e deixando pra trás o apartamento com dois defuntos, além de uma católica que, no momento, provavelmente amaldiçoava tanto minha alma quanto a da irmã.

**FIM**



## SOBRE A BANDA

Sonic Youth é uma banda de *rock* alternativo formada em Nova York em 1981. O Sonic Youth tem um estilo que mistura *rock* alternativo, *noise rock*, *avant garde*, *post punk* e entre outros. Ícones da música e da cultura alternativa americana, seu estilo é considerado bastante peculiar e criativo, fundado em experimentações e melodia, com influências do *punk rock*, *hardcore*, *noise* e *underground* em geral. O Sonic Youth pode ser considerado como um fenômeno musical, uma vez que o sucesso e o reconhecimento que a banda possui é bastante improvável entre grupos que não tem compromisso com padrões musicais que atualmente imperam no mercado, e muito menos com a postura *mainstream* que grande parte dos grupos de sucesso comercial ostentam hoje em dia.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **GOO — SONIC YOUTH**

Fotografia: Michael Lavine

Desenhos: Raymond Pettibon

Direção de arte: Kevin Reagan

Lançado em 26 de Junho de 1990

Selo: DGC

Produzido por Ron Saint Germain, Nick Sansano e Sonic Youth

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.sonicyouth.com](http://www.sonicyouth.com)**

## **SOBRE O AUTOR**

Tiago Nobre de Souza nasceu em 1987, em Porto Alegre. É estudante de Engenharia Mecânica pela UFRGS e nerd assumido, fã de *Star Trek*, *Star Wars*, quadrinhos e coisas que o valha. Começou a escrever por volta dos quinze anos, inspirado pela leitura de *Édipo Rei* e de diversas peças de Shakespeare. Suas principais influências são: George Orwell, James Joyce, Machado de Assis e, na música, Beatles, Mozart, Brahms e Beethoven..

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

**53** **GOO**  
**SONIC YOUTH**  
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DIRTY BOOTS
2. TUNIC (SONG FOR KAREN)
3. MARY-CHRIST
4. KOOL THING
5. MOTE
6. MY FRIEND GOO
7. DISAPPEARER
8. MILDRED PIERCE
9. CINDERELLA'S BIG SCORE
10. SCOOTER + JINX
11. TITANIUM EXPOSÉ

